



Música Rock, o Que Realmente Significa

Um observador de outra geração aponta os bons e os maus aspectos do som e da fúria que constituem a música e a cultura de toda a juventude de hoje

JANE GUNTHER

«**O** ROCK é isso aí, bicho», disse meu filho, de 16 anos. Algum pai ousaria discordar? O rock vibra por toda a casa, pulsa por trás de portas fechadas, e ficamos a pensar nos efeitos que essa música ensurdecedora estará provocando em nossos filhos e filhas.

Uma enorme percentagem das mesadas dos adolescentes é gasta em música. Nos Estados Unidos, no ano passado, dois bilhões de dólares foram gastos na compra de discos. Tão impressionante como este

número foi o da venda de guitarras: dois milhões de unidades. Meu filho comprou duas. Os jovens também compareceram em massa aos concertos de rock. Cerca de quatrocentos mil viajaram léguas para assistir ao Festival de Woodstock, em 1969. Em julho de 1972, mais de duzentos mil lotaram um concerto de rock em Pocono, na Pensilvânia, e, em agosto, 560 mil disputaram vinte mil ingressos para ir ver os Rolling Stones no Madison Square Garden, o gigantesco recinto de espetáculos, em Nova York.

O que fazem eles lá, em número tão grande? Não vão apenas para ouvir, mas para se identificar com o que a música exprime. O rock se tornou a voz de uma forma inteiramente nova de revolução, um «movimento» que nos deixa perplexos e quase sempre preocupados, porque contém muitos elementos diversos; alguns idealistas, outros destrutivos.

Para compreender melhor, examinem a música em si. Em primeiro lugar, é extraordinária e criativa. É supermoderna em concepção — sons eletrônicos, distorção, brilho de improvisação — não conhece limites. Seus criadores são jovens e quase todos autodidatas, mas não os subestimem: o melhor rock é uma música séria, tanto intelectual como emocionalmente. Nem está assim tão longe da música clássica. O conjunto Blood, Sweat and Tears começa uma de suas músicas com uma peça pianística de Eric Satie, e os compositores de rock têm usado de forma interessante a música clássica indiana.

Três coisas distinguem o rock: seu ritmo infatigável, a liberdade de concepção e o volume de som. É uma música física e poderosa. Os amplificadores nos concertos de rock produzem uma intensidade de som que, às vezes, atinge 120 decibéis (um jato moderno, ao decolar, não ultrapassa 108). «Os ratos saíram das tocas em Fillmore West», me disseram. Por que *tão* alto? «Sem amplificação, a música não existe», explica um jovem amigo

meu. «Além disso, o volume faz você se sentir doidão; ele *funde* a sua *cuca*.» Juntamente com o ritmo incansável e ininterrupto, ele cria um estado de excitação, quase uma tensão sexual — uma vontade de mexer, de dançar.

Alguns dispositivos engenhosos produzem sons estranhos aos ouvidos conservadores. Há uma Fuzz Box, que produz uma mixórdia sonora, um Pedal Wahwah, que cria um intenso timbre nasal, e faz de uma gaita um gemido estridente. A própria guitarra elétrica pode ser aterrorizante, violenta e tonitroante, num dado momento, e, daí a um segundo, terna como uma flauta. A eletrônica e a inspiração produzem efeitos incríveis, à medida que os cantores se entregam a um total alheamento. Não imagina que o ouvinte seja arrancado de si mesmo, e levado para *dentro* da música.

Este completo envolvimento estimula a aceitação de drogas, como compreendi logo na primeira vez em que fui ao Madison Square Garden, para ouvir Sly and the Family Stone. Depois de uma hora, eu próprio me senti drogado, embora, é claro, não o estivesse. Mas as vinte mil pessoas ao meu redor, quase todas maconhadas ou sob o efeito de algo mais forte, estavam a ponto de pôr abaixo o ginásio, dançando, de pé nas cadeiras, abraçadas. O comportamento dos músicos aumentava a tensão; vestidos de forma rude, selvagem, eles saltavam, dançavam, rodo-

piavam, marcavam o ritmo com os pés. A multidão parecia hipnotizada, em transe. Eu fazia parte daquela histeria coletiva, drogada e irreal, e senti a espécie de medo que já havia experimentado no meio de uma turba enfurecida na Oktoberfest de Munique. Podia ver claramente que os policiais no Madison Square Garden também estavam apavorados.

É comum que os músicos estejam manifestamente *no barato* ou *viajando*, para atingir, à sua maneira, aquele «avançado» grau de liberdade musical. Isto também ajuda os ouvintes a participar com mais intensidade, segundo me disseram. Acreditando nisso, os jovens fãz puxam um fumo (maconha) — e, daí, não custa muito para que se afastem um pouco da realidade. Quando a maioria das pessoas de sua idade — e os músicos que eles idolatram — parecem estar felizes tomando drogas, a coisa se torna menos terrível. O fato de que Jimi Hendrix, o rei do *acid rock*, Brian Jones dos Rolling Stones e Janis Joplin tenham morrido por excesso de drogas lhes parece irrelevante.

Nos festivais de rock, as drogas são usadas abertamente, e passadas de mão em mão. Num concerto recente, um conhecido conjunto de São Francisco atirou sacolas de plástico para a platéia, cada qual contendo cem doses de LSD. Noutro concerto na Califórnia, foi servida uma mistura de suco de laranja com ácido. Minha sobrinha o expe-

rimentou, num súbito impulso, porque a droga estava ali bem à mão. Só que, infelizmente, a primeira vez nunca é a última.

Em agosto do ano passado, vi quinze mil pessoas numa campina em Vermont — sujas, rindo, dançando, jogando bebês para o ar, ao som de uma música que enchia todo o campo. Era uma visão chocante. Muitos jaziam no chão, em estado letárgico, e alguns outros tinham calmamente tirado a roupa toda. Ninguém lhes prestava a menor atenção. Sentia-me pouco à vontade no meio daquela multidão imprevisível, mas, na realidade, embora eu fosse velho e «quadrado», todos foram absolutamente educados em relação a mim. Pelo alto-falante, saíam alguns anúncios espantosos: «Há uma mesalina cor-de-rosa estragada circulando por aí, e um ou dois já ficaram doentes; logo, cuidado com o que compram.» Ou: «A compota de maçã à venda na barraca U está *envenenada*; portanto, se não quiserem *viajar*, não a comprem.» Tudo isto num tom como se estivessem falando de balas de hortelã.

Considerando o desinibido comportamento orgiástico de alguns cantores, a gritaria infernal e a tensão numa multidão já superestimulada, o número de incidentes ocorridos nos concertos de rock tem sido extraordinariamente pequeno. Por quê? Um dos fatores pode ser o efeito pacífico da maconha, mas acredito que a verdadeira razão seja outra. Para eles,

o concerto é uma experiência, uma comunhão. Um médico afirmou depois: «Não tratamos de nenhum ferimento por arma, nem de olhos roxos, ou machucados, provocado por qualquer pessoa.» (Das 5.161 pessoas medicadas, só quatrocentas o foram por abuso de drogas.) E o delegado local disse: «Nunca vi um bando de jovens tão agradáveis» — o que, naquelas circunstâncias, foi um testemunho notável.

Os músicos de rock foram os primeiros a dramatizar o atual protesto da juventude contra «os padrões burgueses», deixando crescer o cabelo e zombando das convenções com suas roupas. Há dois estilos de moda: hippie e *incrementada*. Jeans desbotados, chapéu desengonçado, lenço no pescoço, etc. — quase um uniforme, hoje em dia, nos Estados Unidos e na Inglaterra — eram roupas típicas de vaqueiros ou operários. Hoje, os seus usuários são rapazes que querem se identificar com eles, com o homem do povo, o homem *livre*. Quanto ao estilo *incrementado* — chapéus extravagantes, camisas psicodélicas e trajes exóticos, enfeitados com espelhos e contas — era, a princípio, só usado por atores de teatro que tinham a intenção de chocar. Como os jeans, essas roupas também exprimem uma espécie de liberdade e desafio, e têm sido usadas com prazer pelos jovens comuns, que torcem o nariz ao conformismo. E por que não?

Quanto à linguagem, a moda é a deselegância. Quase toda ela

provém de gíria negra, usada por músicos de jazz. É primitiva, vulgar; deliberadamente indisciplinada.

Acredito que todos esses fenômenos reunidos significam uma genuína revolução da juventude. O conflito de gerações é muito grande, hoje em dia. Os pais não têm a obrigação de entender o rock; é uma música *deles*, não nossa. Mas, se *soubéssemos* ouvi-la, as letras poderiam explicar muita coisa. Embora pareçam falar repentinamente em desilusão, elas tentam nos dizer, à sua maneira, que a juventude procura uma nova moralidade, que a riqueza já não tem valor para si. O que nos parece expressões de futilidade e desesperança são, para os jovens, letras que falam em liberdade — se é que liberdade significa a rejeição da responsabilidade e o desprendimento de posses materiais.

Antigamente havia uma certa aura de romantismo cercando o vagabundo, o homem itinerante; hoje, em seu lugar, está a concepção de um jovem sem destino, à margem da sociedade, despreocupado das complicações da vida. Como um jovem me explicou, certa vez: «Sendo zero, não se precisa ter objetivos.»

A liberdade sexual também faz parte do figurino e, de vez em quando, as letras são obscenas. Mas, a maioria das canções que falam de amor não se referem ao amor entre um homem e uma mulher. Elas cantam um abraço coletivo, um amor comunal ou uma fraternidade mais universal.

Como todos os revolucionários, esses jovens são idealistas, e pretendem um mundo melhor. Mas, os seus métodos para atingi-lo são com protestos de inação. Todos são «jogados fora» — em fuga e em busca ao mesmo tempo, numa espécie de resistência passiva e indireta. Causa ou efeito do atual estado de espírito doentio, o fato é que a música de rock é um elemento central na cultura jovem. Os jovens são *ligados* nela, unificados por ela, e, por meio dela, procuram se comunicar uns com os outros, confraternizar e conviver.

O rock é belo porque significa «o sol ao alvorecer, montanhas numa tempestade, rios, estrelas, natureza, os céus despedaçados», como disse um jovem. Em outras palavras, inclui tudo. Apesar disso, nem todos os jovens de hoje se sentem sem destino. Certamente, muitos superarão tudo isto. Pois, nesta cultura jovem, floresce uma séria procura de bondade, da humanidade e da compaixão, como em qualquer geração. Esperemos que surjam líderes, capazes de canalizar essas boas intenções amorfas para algo realmente forte e construtivo.



CAMINHANDO através da pista de nossa base aérea da RAF, um colega meu avistou o seu comandante de esquadrão lançando uma vara de pescar, com uma isca artificial, sobre um lenço colocado no chão. Como o meu amigo tentasse passar furtivamente, para não ser visto, o oficial gritou: «Você não costuma fazer a continência ao seu comandante de esquadrão?»

«Perdoe-me, meu comandante», meu amigo balbuciou, procurando desculpar-se. «Não queria assustar o peixe.»

— M. C. S. A.

CHOVIA torrencialmente durante uma prática que fizemos para uma inspeção oficial das nossas barracas. Deparei com o sentinela molhado até aos ossos, de pé, estoicamente no seu posto.

«Por que você não usa a sua capa de chuva?», perguntei-lhe.

«Esta é a prática para bom tempo», retrucou ele. «A prática para chuva é amanhã.»

— W. A. S. D.

TODO INVERNO, minha mãe ficava aborrecida quando tirava o gorro de pele, e via seu penteado atrapalhado. Certo dia, ela se fartou, e comprou uma peruca, para nunca mais se ver despenteada. Finalmente, nunca mais usaria chapéus. Até que um dia, num passeio, o inevitável aconteceu. Quando entrou num restaurante, como de hábito, foi ao cabide e pendurou o casaco... e a peruca! E só deu por si quando o garçom e seus companheiros de mesa começaram a olhá-la de modo estranho.

— R. S.

Entre Aspas

AS NOTÍCIAS, assim como as substâncias químicas, deviam ser classificadas em sólidas, líquidas e gasosas — e devidamente rotuladas para publicação. — S. J. H.

NINGUÉM pode ficar em completo *relax*. Como um relógio a que se precisa dar corda, uma pessoa só consegue trabalhar se estiver sob alguma tensão. — J. R.

ENVELHECER com coragem e com dignidade está bem perto do que significa ser um homem. — Roger Kahn, *The Boys of Summer*

NÃO HÁ DÚVIDA de que as palavras deviam ser classificadas entre as drogas mais poderosas já inventadas pelo homem. — L. R.

DEVIA-SE não só acabar com a poluição do ambiente como acabar com a histeria nas discussões sobre este assunto. — B. W.

É IMPORTANTE que as pessoas saibam o que você aprova, mas é importante também que elas saibam o que você *não* aprova. — M. H. W.

QUANDO se ama o trabalho, todo dia é dia de pagamento. — G. B.

NINGUÉM gasta para ficar rico, assim como ninguém bebe para ficar sóbrio. — H. E. T.

A CRÍTICA às mulheres ao volante diminuiu, agora que já não se pode dizer ao certo se o motorista é mulher. — J. T.

O IMPORTANTE não é o fato de que toda criança deveria ser ensinada, e sim de que lhe fosse dada vontade de aprender. — J. L.

TODO MUNDO quer comer na mesa do governo, mas ninguém quer lavar os pratos. — W. F.

SE A CIVILIZAÇÃO se ergueu da Idade da Pedra, pode se erguer de novo da Idade da Papelada. — Jacques Barzun, *The House of Intellect*